



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LEILIANY DE MELO RODRIGUES

A REPRESENTAÇÃO DA ETNIA NEGRA NA OBRA *O MENINO MARROM*

**GUARABIRA
Maio / 2016**

LEILIANY DE MELO RODRIGUES

A REPRESENTAÇÃO DA ETNIA NEGRA NA OBRA *O MENINO MARROM*

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Estadual Da Paraíba para obtenção do Título de Licenciatura em Letras

Orientadora: Prof.^a Maria Suely da Costa

GUARABIRA
Maio/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R654r Rodrigues, Leiliany de Melo
A representação da etnia negra na obra o menino marrom
[manuscrito] / Leiliany de Melo Rodrigues. - 2016.
22 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.
"Orientação: Maria Suely Da Costa, Departamento de
Letras".

1. Literatura Infantil 2. Personagem Negro 3. Relações
Etnicoraciais. I. Título.

21. ed. CDD 028

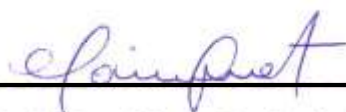
LEILIANY DE MELO RODRIGUES

A REPRESENTAÇÃO DA ETNIA NEGRA NA OBRA *O MENINO MARROM*

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Estadual Da Paraíba para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Aprovado em: 20/05/2016

BANCA EXAMINADORA



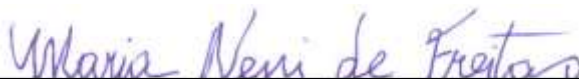
Prof. Dra. Maria Suely da Costa

(Presidente)



Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo

(1ª Examinadora)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas

(2ª Examinadora)

GUARABIRA
Maio/2016

A REPRESENTAÇÃO DA ETNIA NEGRA NA OBRA *O MENINO MARROM*

Rodrigues, Leiliany de Melo

RESUMO

Este artigo apresenta uma discussão acerca da representação da etnia negra na literatura infantil através de uma leitura da obra objeto de estudo *O Menino Marrom*, de Ziraldo Alves Pinto, publicada em 1986. O objetivamos analisar a representação da personagem negra, de acordo com os parâmetros da literatura infantil que atualmente rompem estereótipos socialmente aceitos. Desta discussão compreenderemos que *O Menino Marrom* converge para o caminho que estabelece ao negro um papel/espço que não necessariamente está marcado pelo legado negativo da escravidão, pois apresenta o personagem negro em situações do cotidiano. Através desta leitura, perceberemos que o uso de obras literárias na condição de recursos paradidáticos, com a temática etnicorracial, na escola, a exemplo da obra analisada, pode contribuir efetivamente com a afirmação da identidade do/a aluno/a negro/a, rompendo com ideologias fundamentadas em desigualdades etnicorraciais. Em função dessa discussão, tem-se, pois, um estudo de caráter bibliográfico, com embasamento teórico nos estudos de autores como), Paiva (2008), Bettelheim (1980), Zilá Bernd (1988), Brasil (1997), Candido (1972), dentre outros que contribuíram para a fundamentação desse trabalho.

Palavras-chave: literatura infantil, personagem negro, relações etnicorraciais

1. Introdução

O presente trabalho parte do princípio de que a literatura pode ser um rico instrumento para se discutir relações étnico-raciais no contexto escolar. Para tanto, propõe uma leitura da representação da etnia negra no campo da literatura infantil e, mais especificamente, na obra *O Menino Marrom*, cuja narrativa se constrói a partir de vários temas, que se entrelaçam: as diferenças, os valores humanos e questões raciais.

Nosso objetivo é analisar como a personagem do negro é apresentada no decorrer da narrativa, de acordo com os parâmetros da literatura infantil que atualmente rompem estereótipos socialmente aceitos. Em função disso, verificar o

quanto este material possibilita pensar em questões de relações étnico racial no contexto da sala de aula, numa perspectiva positiva. Esse direcionamento se justifica por entender que, ao levar para sala de aula obras literárias que valorizem o negro, o educador terá uma importante ferramenta para se trabalhar e incentivar o autoconhecimento, aceitação da diversidade e, mais importante, é o fato de está mostrando as diferenças de cada um.

A opção feita pela obra *O Menino Marrom* se dá pelo fato da mesma apresentar como temática a etnia negra; temática essa que ainda precisa de muito debate, principalmente no meio escolar, no sentido de enriquecer as reflexões e o debate sobre as diferenças étnicas, mais que também sobre a igualdade no que diz respeito aos direitos e deveres em sociedade. Assim, ao se debater sobre o aspecto humano com ênfase para o negro, espera-se que este venha ter sua dignidade aceita, respeitada e valorizada na sociedade.

Em função dessa discussão, tem-se, pois, um estudo de caráter bibliográfico, com embasamento teórico nos estudos de autores como Paiva (2008), Bettelheim (1980), Zilá Bernd (1988), PCN (1997), dentre outros que contribuíram para a fundamentação desse trabalho.

O interesse deste estudo está voltado para a narrativa textual, portanto, não se deterá sobre as questões em torno das ilustrações presentes na obra. Ainda que estas sejam significativas, a opção em não se deter sobre as ilustrações se justificam em termos de ser uma outra linguagem e que por isso, requer um aprofundamento específico e cuidadoso, condição que não daria para ser feito no curto espaço deste trabalho.

É válido destacar que este estudo compreende a literatura para além do sentido reducionista de instrumento pedagógico. Sendo assim, busca reafirmar a importância de se olhar para a literatura infantil de forma crítica em sua relação com o racismo com a pretensão de instigar outras pesquisas neste campo, contemplando esse gênero como um legado da história.

No segundo tópico traçaremos um breve histórico de como a literatura infantil se originou na Europa com algumas modificações sociais. No terceiro tópico trabalharemos com a importância que a literatura tem em sala de aula, o quanto a literatura vem trazendo grandes benefícios. No Quarto tópico aqui mostraremos a

representação que o negro tem na literatura infantil, tendo como na contemporaneidade em que os livros da literatura infantil rompem com as representações que aparecem inferiorizando os negros. E por fim uma análise da obra em que a mesma enaltece as características da raça negra onde evoca modos estratificados de agir e de ver a realidade, através de conceitos, preconceitos e condutas antigas, dando – lhe o vigor de atualidade.

1. A literatura infantil: um breve histórico

Estudos mostram que só se pode falar em literatura infantil a partir do século XVII, época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. Antes disso, não haveria propriamente uma infância. As crianças eram vistas como adultos em miniatura que participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de literatura infantil. Por este viés, as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, preparados especialmente para crianças com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino (CADERMARTORI, 2006).

A literatura infantil originou-se na Europa a partir de algumas modificações sociais, graças á iniciativa de franceses como Charles Perrault, que é considerado o grande iniciador da literatura infantil. Perrault dedicou – se exclusivamente a uma literatura para a criança, e escreveu histórias que fizeram muito sucesso e são muito conhecidas, como: *Chapeuzinho Vermelho*, *A Bela Adormecida*, *Barba Azul*, *Cinderela*, *O gato de Botas*, *O Pequeno Polegar*. Depois disso, adquirem destaque escritores como *Andersen*, *Collodi*, *Irmãos Grimm*, *Lewis Carrol*, entre outros.

Nessa época, não existia uma preocupação específica com a aprendizagem da criança, mas foi a partir do fortalecimento da classe média que essas concepções se modificaram e a criança passou a ser um ser diferente do adulto, diante da sociedade.

Segundo Cadermartori (2006, p38,39), “a criança, na época XVII, era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo período de maturação”. Dessa forma a criança passou a ser vista como um indivíduo que precisa de uma educação diferenciada dos adultos.

Sobre o surgimento da literatura infantil, com a ascensão da burguesia, comenta Regina Zilberman:

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas pra cumprir uma missão (ZILBERMAN, 1981, p.15).

Embora a literatura infantil tenha surgido no século XVII, no contexto brasileiro, essa literatura adquire destaque no final do século XIX. O seu nascimento não pode ser desvinculado das condições históricas que possibilitou, no século anterior, o aparecimento dos livros dedicados às crianças no continente europeu. Embora os livros para crianças comecem a ser publicados no Brasil em 1808 com a implantação da Imprensa Régia, a literatura infantil brasileira nasce apenas no final do século XIX. No final deste século, vários elementos convergem para formar a imagem do Brasil como um país em processo de modernização, entre os quais se destacam a extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana e a incorporação progressiva de levas de imigrantes.

Nesse contexto, desponta-se uma preocupação com a carência de material de leitura adequado às crianças do país as quais contavam apenas com adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus à paisagem da cidade. A literatura infantil assim surge com o propósito de formar a criança e ensinar comportamentos desejáveis.

No segundo período da literatura infantil brasileira, de 1920–1945, correspondeu à progressiva emancipação das condições que, na época de seu

aparecimento, impediram a autonomia do gênero, isso porque ao longo dos anos 20 e 30, as editoras começam a prestigiar o gênero, motivando um aumento significativo da produção, bem como a adesão progressiva de alguns escritores da nova geração modernista que incorporam, nas obras destinadas às crianças, algumas inovações temáticas e estilísticas, como a valorização do presente, da cultura nacional e da oralidade, aspectos já presentes em alguns textos da literatura adulta.

Nesse contexto, tem destaque a produção literária de Monteiro Lobato que investe progressivamente na literatura para crianças, de um lado como autor, incorporando elementos estilísticos inovadores; de outro, como empresário, fundando editoras e contribuindo para a modernização da produção editorial brasileira. Autor de uma obra renovadora pelo rompimento com os moldes tradicionais e pela criação de novas expectativas, Monteiro Lobato tornou-se não apenas marco na literatura infantil brasileira, mas sua referência máxima. O referido autor se destaca no contexto nacional pelas inovações propostas, não tanto no plano do conteúdo, mas no modo como a transmissão desse se dá.

A denominada terceira fase de evolução da literatura infantil no Brasil ocorre no período corresponde às décadas de 1940 a 1960, representada principalmente pela profissionalização dos autores, especialização das editoras e escritores e expansão do mercado constituído pelo público leitor. A literatura do período destinada ao público jovem afirma-se pela negação. Isso porque além de não abdicar de sua tradicional missão patriótica, não deu lugar à expressão popular, nem à ruptura com formas de dominação. Surgem obras repetitivas, elegendo como veios temáticos dominantes o meio rural, a figura do bandeirante, do índio e do mito da Amazônia, exploram filões conhecidos, porém evitavam-se a renovação.

É a partir da década de 1970 que esse panorama começa a mudar, motivada pela lei de reforma de ensino que obriga a adoção de livros de autor brasileiro nas escolas de 1º grau. Surgem, assim, escritores como Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Marina Colasanti e Eliardo França, entre outros. É um momento em que surge nova maneira de compor as personagens.

Nas décadas de 1980 e 1990, grande foi a expansão da produção literária para a infância e juventude. Atualmente, no mundo tecnológico e globalizado do século XXI, a produção tem tido crescimento realmente significativo, tanto em quantidade quanto em qualidade ao incorporar novos temas. Compreende-se que

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura: ou melhor, e arte fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra funde sonhos e a vida prática: o imaginário e o real: os ideais e suas possíveis realizações (COELHO, 1997, p.24)

Portanto, deve-se considerar que a arte deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança, podendo possibilitar o deslumbrar pelo gosto do mistério, fantasia prazer e emoção. Dessa forma destacamos a literatura infantil de Ziraldo que participa de um diálogo com a linguagem de arte, em que os leitores transitam naturalmente em uma linguagem a outra, na condição de receptor que modifica dados novos de uma criação artística, podendo produzir e elaborar versões de mundos imaginários.

Abdala e Campedelli (1982, p. 104), assinalam que

[...] as histórias infantis de Ziraldo, “jamais criadas para ensinar algo, sem essa pretensão!” ressalta ele. Mas ensinam, no mínimo, que falar à infância é transmitir do ponto de vista infantil; que uma literatura destinada à infância não se completa senão com a presença da criança no narrado. E é despojando-se de qualquer retórica que o autor consegue, sempre se travestindo no mais ingênuo narrador, chegar ao grau de comunicação inequívoca com seu destinatário.

Percebemos a preocupação que Ziraldo tem com o problema da falta de leitura no Brasil. Ziraldo permite aos seus leitores uma linguagem icônica com as possibilidades de construção de novos conceitos, novas posições diante das dificuldades da leitura.

É através da leitura literária que podemos despertar a imaginação da criança tornando a criança um indivíduo questionador, pensador são esses elementos capazes de formar indivíduos críticos.

2.1 A Importância da literatura em sala de aula

A literatura, em suas várias formas de representação e recriação da realidade, é um importante subsídio para o professor em suas aulas, pois compreende questões de ordem social, intelectual, ideológica e linguística de várias épocas e culturas, além de suas modalidades discursivas que se diferem de um gênero literário a outro.

Segundo Paiva (2008), as crianças pequenas desde cedo percebem o universo dos códigos escritos que as rodeiam. Podem não decifrá-los, mas de acordo o que vão desenvolvendo conseguem compreender que significados são esses. Paiva assinala que (2008, p. 36),

A Literatura Infantil pode contribuir de forma decisiva para a formação do futuro leitor; especialmente o leitor literário que poderá apreciar, a qualquer momento e ao longo de sua vida, a Literatura, com “L” maiúsculo, desfrutando, assim, da experiência estética proporcionada por essa manifestação artística.

A criança que desde muito cedo tem o contato com obras literárias, terá uma compreensão maior de si mesmo. Na concepção de Aguiar e Bordini (1993, p.14),

A obra literária pode ser entendida como uma tomada de consciência do mundo concreto que se caracteriza pelo sentido humano dado a esse mundo pelo autor. Assim, não é um mero reflexo na mente, que se traduz em palavras, mas o resultado de uma interação ao mesmo tempo receptiva e criadora. Essa interação se processa através da mediação da linguagem verbal, escrita ou falada.

É através da literatura que as crianças despertam uma relação com diferentes visões do mundo, pois é através dos livros que elas se tornam capazes de criar e dominar sua imaginação. Bettelheim (1980) afirma que a criança desenvolve, por meio da literatura, o potencial crítico e reflexivo.

Com efeito, a literatura infantil vem apresentando grandes benefícios para a formação da criança através da leitura levada a sala de aula. A leitura desenvolve

na criança a capacidade de entender melhor o mundo e facilitar o interpretar e narrar diversos textos.

Para Cavalcante (2009, p 39), “[...] a literatura pode ser para a criança um aspecto para a expansão de seu ser [...] ampliando o universo imagético transreal da criança para que esta se torne um adulto mais criativo, integrado e feliz”. Isso porque é na literatura que as crianças criam o seu imaginário, seus pensamentos, assim compreendendo a si mesmo a sua comunidade e seu mundo. As fantasias expressa pela literatura são sempre sua base como realidade, uma ponte entre o conhecimento sistematizado e um mundo real.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), a prática de leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e continuamente a formação de escritores, isto é, a produção de textos eficazes com origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade (PCN, 1997).

A literatura infantil pode até ser comparada como uma fonte que se destina a criança , proporcionado nutrientes para a formação do individuo. Assim sendo uma fonte saudável para imaginação infantil, criando e se socializando com linguagem e valores que os identifiquem. Assim, podemos ver a importância da literatura na sala de aula, que essa é a meta da educação, a escola também tem uma finalidade, de transformar a realidade viva nas distintas disciplinas ou áreas de conhecimentos apresentadas ao estudante. Assim a literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, Para Candido,

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...]. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem frequentemente aquilo que as convenções desejariam banir. (CANDIDO, 1972, p. 805).

A citação acima remete à identificação do leitor com o mundo vivenciado que está representado na obra literária. Uma das principais contribuições é de procurar incentivar o uso da literatura como auxílio para formação de leitores,

relacionando os contos com a realidade de cada criança e mostrar a relação que a literatura tem com o cotidiano desta. Do ponto de vista da formação do leitor, a literatura infantil pode contribuir para a criação da necessidade de leitura na criança, desde que ela não perca seu caráter estético, lúdico, o que possibilita o potencial educativo inerente à leitura literária.

2.2 A Representação do negro na literatura infantil

A representação do negro na literatura brasileira nos passa uma certa ideia de inferioridade de uma raça, e a superioridade de outra, assim convém atentarmos para o fato que o negro teve sua representação negativa nas obras literárias ao longo do século XIX e começo do século XX. Após o século XX, apontava o “século das ciências”, pois as raças passaram a serem observadas com olhares diferentes do cientificismo positivista.

A discriminação racial no Brasil é responsável por parte significativa da desigualdade entre os negros e brancos, assim também na desigualdade sociais em geral. Para Jovino (2006, p. 187-188),

Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, a beleza mais ressaltada são sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara.

Nessa perspectiva acima, ressalta-se a condição na qual os negros eram substituídos por personagens com aparência de brancos, acabando por mostrar a existência dos conflitos étnicos raciais. Só a partir da contemporaneidade é que os livros de literatura infantil rompem com as representações que inferiorizavam os negros. Isso porque, de acordo com Mariosa e Reis (2001, p,45), “as obras os retratam [os negros] em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições. Portanto, as obras literárias a partir da contemporaneidade se destacaram ao

trabalhar com a valorização do personagem negro na literatura infantil, dando vozes e vez a sua identidade.

Com efeito, a representação social que o negro foi ocupando ao longo da história na literatura infantil remete a construção de um novo imaginário coletivo em que considera o imaginário infantil ao mundo de possibilidades para renovação dos valores étnico racial. Algumas produções destinadas ao público infantil procuram denunciar as injustiças sociais e resgatar os valores humanos, ao contrário daquelas que, conscientemente ou não, reforçam os preconceitos étnico-raciais, bem como os estereótipos. Assim, possibilitar o acesso do alunado às obras de literatura infantil que possam colaborar para a formação do leitor crítico e antirracista torna-se imprescindível.

Abramovich (1993) questiona o excesso de estereótipos europeus que permeiam as imagens de nossa Literatura Infantil, aponta a importância de ficarmos atentos a eles e a necessidade de auxiliarmos as crianças a perceberem isso, pois por tais imagens se reforçam preconceitos, intolerâncias e fortalece um imaginário agregador. Alega que o texto literário auxilia na consolidação de valores culturais, morais e padrões de beleza, reforçando valores sociais éticos e estéticos.

A opção pela obra do Ziraldo se justifica por verificar ser este um escritor que pensa a criança como um ser cheio de dúvidas, de curiosidades e com necessidades de saber, de aprender, de descobrir o que é real e o que faz parte apenas da imaginação. É o que se constata na obra *O Menino Marrom*. Nesta, o autor trabalha com a questão da diversidade étnico-racial. Para tanto, apresenta um menino em meio à descoberta das cores levando à constatação que as cores em movimento resultam na cor branca e paradas resultam na cor marrom.

Na sequência da narrativa, a obra traz imagem/ilustração com meninos e meninas de várias cores citados. O narrador revela ao leitor a imagem da diversidade enfatizando a importância da descoberta dos meninos, assim relacionado à variedade de cores com as etnias existentes no Brasil.

Ribeiro (1996, p. 172) acredita que “os atos imaginativos antecedem mudanças em nossas atitudes e ações” e Sousa (2002, p. 196) assinala:

(...) as imagens que moram em nossas mentes desde a infância influenciam nossos pensamentos durante a vida e podem contribuir (se não forem estereotipadas, inferiorizadas) para a autoestima e

aceitabilidade das diferenças visando uma vida adulta feliz. Para isso essas imagens precisam mostrar nossa “cara”, força e cultura de todos.

A compreensão é a de que proporcionar às crianças, negras ou não, o contato com livros que valorizem as diferenças e questionem estereótipos e valor cristalizado irá contribuir significativamente para uma nova construção de imaginário.

2.3 O MENINO MARROM: autor e obra

O *Menino Marrom* foi escrita e ilustrada por Ziraldo em 1986, considerado um dos mais importantes autores e ilustradores dos livros relacionados ao público infantil. Ziraldo nasceu em 24 de outubro de 1932 em Caratinga, Minas Gerais. Sua carreira teve uma grande explosão na década de 1960, quando se transformou num autor de textos cômicos e lançou a primeira revista brasileira do gênero feito por um só autor, reunindo uma turma chefiada pelo *Saci Pererê*, figura mais importante do imaginário brasileiro.

O *Menino Marrom* é o personagem/protagonista que atua em todas as áreas da narrativa. Na perspectiva ética, a narrativa traz um menino de traços definidos, focada na valorização positiva da identidade negra. Verifica-se que o autor foge dos estereótipos como negrinho, possibilitando, assim, um menino de voz ativa na sua fala, através de uma linguagem de tom bem realista.

O menino é um indivíduo que tem um amigo branco com qual descobre as diferenças das suas características biológicas; a partir de então, as diferenças são notadas de ambos as partes. O personagem marrom sabe que é negro “o menino achava normal ser chamado de preto” (ZIRALDO, 1986, p, 20). Percebe-se, assim, que a estratégia de usar a cor marrom pode ser uma forma de banir o preconceito ao nome negro, chamando atenção para a questão da mestiçagem. No decorrer da narrativa, cabe ao narrador apresentar as características físicas do menino marrom: “Sua pele cor de chocolate”; “Os olhos dele eram muito vivos e grandes”; “Dentes claros, certinhos”; “Os cabelos são enroladinhos e fofos”; “Seu queixinho pontudo”.

Outra forma de desautomatizar estereótipos está no fato de ser uma história de amizade entre dois meninos, um negro e um branco, através da convivência e aventuras dessas crianças ao longo de suas vidas. Os dois meninos brincavam e viviam grandes aventuras juntos. Os garotos eram muito curiosos, questionadores e faziam descobertas. Certo dia, ao brincar com suas cores, de repente o menino misturou as tintas que tinha na caixinha de aquarela, todas as cores do arco-íris; eis o resultado que deu: a mistura das cores todas criou “um marrom, um marrom forte como o do chocolate puro” (ZIRALDO, 2005 p 15).

Seu amigo cor-de-rosa concluiu que a soma de todas as cores era a cor do amigo. No dia seguinte, em uma experiência que iriam fazer na escola, a professora propôs misturar as cores do arco-íris no disco de Newton. Ela questionou qual a cor daria. O menino marrom respondeu, muito feliz, que elas “viram marrom” (ZIRALDO, 2005, p 17). Mas não era exatamente marrom e sim branca, e, assim, a professora explicou que esta é a soma das cores em movimento. Os meninos, ao refletirem, chegaram a conclusão que as cores misturadas, ao ficarem paradas, se tornam marrom, a cor do menino marrom; e, estando em movimento, viram branca. Mas eles não pararam por aqui, eles começaram a questionar o que era branco e o que era preto na natureza. Então, chegaram à conclusão que o mundo não era dividido apenas em pessoas brancas e pretas, mas sim pessoas de diversas cores, marrom, marrom escuro, rosa, castanho e entre outras.

A grande importância na observação das cores estava no fato deles buscarem a resposta para entender o que é preto e se essa relação fazia os dois diferentes. Sendo assim, verifica-se que o narrado não abre espaço interpretativo a nenhum tipo de preconceito a respeito da cor do menino. Tomamos, como exemplo, o nome designado a ele, O Menino Marrom. Sendo assim o narrador enaltece os aspectos de cores do personagem marrom.

O menino Marrom é posto como uma criança que possui um amigo branco com o qual descobre as diferenças de suas características biológicas. Contudo, a acentuação dada a essas diferenças antes de reforçar as divisões, prioriza a identidade étnica, de forma que ser negro e ser branco são condições de um ser humano, abordadas na linguagem metafórica trabalhada na obra.

Era uma vez um menino marrom. Ele era um menino muito bonito. Sua pele era cor de chocolate. Chocolate puro, não aqueles misturados com leite. (...) Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza. Se você for examinar bem a jabuticaba, vai descobrir que ele é roxa-muito-preta.(...) O menino marrom tinha os dentes claros, certinhos, certinhos Pareciam as teclas de um piano.(...) Quando o menino ria, era aquela luz no meio do seu rosto marrom.(...).(Ziraldo,2005,p.3).

Com efeito, a diversidade étnica racial presente na obra *O menino Marrom* se institui pela descoberta sobre as cores feita pelos meninos marrom e cor de rosa, quando os dois meninos misturaram as cores. Momento de descoberta e construção de novos conceitos. Aspecto este bastante significativo na trama, pois, já de início, é posto ao leitor uma situação geradora de expectativas. Situação que permite as possibilidades de criar o respeito às diferentes etnias presente no cotidiano das crianças. Daí a relevância de se incluir, em atividades permanentes de sala de aula, leituras cujas histórias vividas contenham representantes dos variados grupos étnicos, tal qual metaforizado pela ideia das cores presente no enredo da obra estudada.

Na narrativa, os meninos têm consciência de que são diferentes, “ Mesmo marrom o menino marrom achava normal ser chamado de preto. O menino cor – de – rosa achava normal ser chamado de branco”, (ZIRALDO, 2005, p,20). Os questionamentos sobre as cores chamam a atenção do menino marrom, pois até na adolescência procura compreender o seu significado, questionado porque existe a contrariedade do branco e do preto na sociedade.

Se o azul é uma cor fria e o vermelho é uma cor quente, por que é que, na cabeça de ninguém, uma é o contrário da outra? Quem inventou que o preto é o contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, porque é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro? (ZIRALDO, 2005, p.29)

A partir das reflexões do menino marrom podemos perceber que ele, o personagem tinha consciência de que havia o preconceito étnico racial. Notamos também na descrição do menino cor de rosa, onde o autor faz analogia a cor branca, dando – lhe o tom de rosa.

Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas pretinhas, aliás, pretinhas não jabuticabas não são pretas para falar a verdade, tem muita pouca coisa preta na natureza (ZIRALDO, 2005, p.3)

Nota-se aqui o cuidado que o narrador tem a cor preta com a natureza em relação ao menino marrom. A narrativa é construída através de um constante e intenso jogo de dúvida e descobertas (ZIRALDO, 2005, p.56)

Pronto agora e que as coisas complicaram de vez. E começou aquela discussão oque é realmente branco na natureza? O tipo de pergunta de menino curioso! E quando os dois chegaram em casa, estavam encantados com uma nova descoberta o mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas mesmo porque elas não existem oque existe que boa descoberta! é gente marrom, marrom-escuro, marrom-claro, avermelhada, cor-de-cobre, cor-de-mel, charuto, pardo, castanha, bege, flicts, esverdeada, creme, marfim, amarelada, ocre, café-com-leite, bronze, rosada, cor-de-rosa e todos esses nomes aproximados e compostos das cores e suas variações.

O trecho afirma a inexistência das cores branca e preta onde faz menção da identidade étnico racial que existe no Brasil. Percebe-se, então, que o autor propõe a ideia de um povo miscigenado que se orgulha da mistura das raças, considerando que o mundo não é dividido entre pessoas brancas e pretas, apenas. Entretanto, esse é um ponto que acaba por dar ênfase à questão do mito da democracia racial, teoria muito discutida entre os estudiosos do tema, ao demonstrar que a raça branca é superior a todas as outras, pois apesar da mistura de cores o branco sobressai, bem como despertar o conformismo dos negros frente aos preconceitos a que sempre foram e são submetidos.

Vale destacar que, no período em que estava em pauta a discussão das teorias raciais, século XIX, a ideia de mestiçagem era tida com negativa. Para Munanga (1999, p.51), "a pluralidade racial nascida do processo colonial representava, na cabeça da elite, uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca".

Assim, ressaltamos a importância que a literatura contemporânea de Ziraldo pontua no sentido do possibilitar outro olhar para as questões de preconceito, através das características atribuídas ao menino rosa e ao menino marrom, valorizando, pois a relação étnico-racial pela via da diversidade. Isso por que

Ao escrever dessa forma, o narrador desarma o leitor de um possível preconceito pré-existente, em suas experiências sociais, ao não enaltecer apenas as qualidades de um dos meninos; afirma que, de maneira individual, todos possuem a sua beleza. Assim, retransmite em todo o texto características positivas tanto para o menino marrom, quanto para o menino cor-de-rosa, desconstruindo possíveis estereótipos que ocorrem na sociedade em relação a questões raciais, que marginalizam as pessoas pela sua cor, principalmente o negro e, muitas vezes, o relacionam ao que é

ruim, pobre, despreparado, e que qualidades positivas só podem ser atribuídas a pessoas brancas (SOUZA; HUNHOFF, s/d. p.5)

Com apoio de uma linguagem lúdica e ilustrações, estas como grandes aliadas da aprendizagem, devido ao estímulo proposto ao leitor, o autor tende a ofertar uma obra na linha do que preconiza a Lei nº 10.639/03. A referida lei ao torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, também por meio da literatura, tem contribuído para que essas discussões sejam desenvolvidas por diversos tipos de leituras, a exemplo da obra objeto de estudo deste trabalho.

Como já enunciamos em que se evidencia que o menino sabe que existe o preconceito racial supostamente, que não seja alvo de preconceito, ele percebe que o preconceito esta presente na sociedade e passa a compreender pelas descobertas que faz “o preto é apenas a ausência do branco” (2005,p.3), por fim o trecho da historia nos remete a reflexão de que não a classificação das pessoas por cores, onde o autor não deixa claro o destino que os meninos tomaram quando adulto, assim descrevendo, profissões e gostos.

Um é craque de basquete e o outro, de voleibol; um já está quase formado e o outro não estuda mais – ou os dois já se formaram, todos dois já são doutores – já nem posso precisar. [...] Um passa seus dias lendo – ou não sei se são os dois – um não lê coisa nenhuma, deixa tudo pra depois. Mas, faz cada verso lindo, que ainda vai virar canção. Um pode ser diplomata. Ou chofer de caminhão. O outro vai ser poeta ou viver na contramão. Um é louco por sorvete de chocolate e o outro detesta o gosto de chocolate com leite; prefere, pro seu deleite, cerveja com tira-gosto. Um adora som moderno e o outro – como é que pode? – se amarra é num pagode. Um dos dois é muito alegre e o outro mais quietinho; um faz piadas com tudo e os dois riem sozinhos. Um é um cara ótimo e o outro, sem qualquer dúvida, é um sujeito muito bom. Um já não é mais rosado e o outro está mais marrom. (2005, p.31)

Assim qualquer um dos meninos poderia trilhar por esses caminhos, e que o autor não deixou claro o destino dos dois, deixando o leitor tirar suas próprias conclusões colocando em pauta a igualdade entre os personagens em meio a diversidade étnico existente.

Considerações Finais

Desta discussão, compreendemos que *O Menino Marrom* converge para o caminho que estabelece ao negro um papel/espço que não necessariamente está marcado pelo legado negativo da escravidão, pois apresenta o personagem negro contemporâneo em situações do cotidiano.

Dento dessa perspectiva, a obra em questão pode ser considerada relevante para o trabalho de construção de combate ao racismo, na medida em que são representadas imagens positivas dos personagens e o conteúdo abordado na obra é capaz de estimular na criança negra o orgulho da pessoa que é de seu pertinente étnico.

Ao recorrer ao uso do adjetivo infantil como meio de construção simbólica, a literatura apresenta-se como uma afirmação de padrões culturais como também a alto afirmação étnica. Assim pois, a literatura infantil é um ganho muito importante para a autoestima e construção da identidade étnico racial positivo da criança negra. Acreditamos que o ser humano enquanto sujeito histórico e social está preso a uma relação social que influencia na sua formação intelectual.

No contexto atual, a literatura tem dado mostra de textos voltados para a representação social, pautando o conhecimento de vida envolvendo diferenças sociais. De modo que a obra literária, a exemplo do *O Menino Marrom*, possibilita o acesso a temas como a diversidade, a igualdade, a aceitação da diferença em pauta na formação do leitor.

Através deste estudo, percebemos que o uso de obras literárias na condição de recursos paradidáticos, com a temática etnicorracial, na escola, a exemplo da obra analisada, pode contribuir efetivamente com a afirmação da identidade do/a aluno/a negro/a, rompendo com ideologias fundamentadas em desigualdades etnicorraciais.

Para tanto, é necessário que as instituições de educação infantil promovam uma educação voltada para a valorização do ser humano, que estimule a formação de valores do igual ao diferente. Dessa forma, trabalhar com a literatura negra na sala de aula é uma forma de permitir uma melhor compreensão da diversidade e formação etnicorracial dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Benjamin e CAMPEDELLI, Samira. **Literatura Comentada: Ziraldo**. São Paulo: Abril, 1982.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos Contos de Fadas**. RJ: Paz e Terra, 1980.

BERND, Zilá - **Introdução á Literatura Negra** .SP, Editora Brasiliense, 1988.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmica e vivencias na ação pedagógica**. 3 ed. São Paulo, 2009.

CANDIDO. Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Revista Ciência e Cultura. São Paulo, n. 24, vol. 09, p. 803-809, set. 1972. Disponível em: . Acesso em: 06-05-2016

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. Ática: São Paulo, 1997.

CADERMATORI, Ligia. **O que é Literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

JOVINO, Ione. **Literatura Infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. (Org). **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Centro de estudos afro - orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. Identidade nacional versus identidade negra**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MARIOSIA, G. S; REIS, M. da G. dos. **A influência da literatura infantil afro-brasileira na construção das identidades das crianças**. Estação Literária. Londrina, Vagão-volume 8 parte A, dez. p. 42-53, 2011.

PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (organizadoras). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

PINTO, Ziraldo Alves. **O menino marrom**. 27ed. São Paulo: Melhoramentos, 2005
concepções. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RIBEIRO, Ronilda. *A ação educacional na construção de um novo imaginário infantil sobre a África*. In: MUNANGA, Kabenguele (Org). **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial**. São Paulo: Edusp, 1996.

PCN, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEE, 1997

SOUZA, Angélica Alves; HUNHOFF, Elizete Dall' Comune. **Literatura Infantiljuvenil: A Diversidade Étnico-Racial Na Obra "O Menino Marrom", De Ziraldo**. In:

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1981.

WEBGRAFIA

<http://ziraldo.com/historia/rbiograf.htm>

http://multiculturalismoesuassterorias.blogspot.com.br/2013/04/resenha-o-menino-marrom_22.html

<http://linguagemeafins.blogspot.com.br/2012/10/o-menino-marromliteratura.htm>

http://www.unemat.br/revistas/moinhos/media/files/LITERATURA%20INFANTOJUVENIL_%20A%20DIVERSIDADE%20ÉTNICO-RACIAL%20NA%20OBRA%20_O%20MENINO%20MARROM,%20DE%20ZIRALDO.pdf. (Acesso em 5 de maio de 2016)